

BRASIL-PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1903

N.º 102

Eduardo VII em Lisboa



Na tapada da Ajuda

Assistindo ao tiro aos pombos*

El-Rei D. Carlos I
Hermenegildo Capello

Marquez de Soveral
Hincte Ribeiro

Conde de Arnoso

Duque de Loulé
S. M. a Rainha D. Maria Pia

Ministro da Suecia
Rei Eduardo VII

Grupo de espectadores

Portugal e Inglaterra



visita do rei Eduardo VII a Lisboa, nas circumstancias especiaes, em que foi realisaada, e com o relevo que lhe deram os discursos e brindes proferidos pelo chefe do grande imperio britannico, é um dos factos mais importantes da nossa historia moderna, e porventura o mais agradavelmente saliente do reinado do sr. Dom Carlos.

Anunciando officialmente, que a sua primeira visita, depois de coroado, seria a Portugal, Eduardo VII accentuou perante o mundo o alto apreço, em que tem a nação alliada, paiz pequeno que

assim reconhece como um grande povo, impondo-o pela elevada distincção aos geraes respeitos.

E nem se diga que a passagem por Lisboa era primeiro porto de escala obrigado, n'uma excursão pelo Mediterraneo; pois que, tendo Eduardo VII resolvido visitar Paris, mais commo lhe seria atravessar a Mancha, fazer a sua visita ao presidente da Republica Franca, embarcar em Toulon, effectuar a sua digressão e regressar depois pelo estreito de Gibraltar, com entrada em Lisboa n'uma quadra já menos exposta aos violentos temporaes, que o assaltaram nas costas de Inglaterra, e no golpho de Gasconha, á sua sahida. Teria natural explicação o havermos ficado para o fim; pelo que mais se confirma o amabilissimo proposito de sermos escolhidos para primeiros. A honraria, que é assignalada, enche-nos de legitimo contentamento, que ainda mais do que a nossa vaidade deve satisfazer os nossos corações e o nosso patriotismo.

As affirmações feitas pelo rei de Inglaterra a respeito da sustentação da nossa independencia e da integridade das nossas colonias constituem um compromisso de honra para com Portugal e um aviso comminatorio contra quaesquer planos de absorção ou desmembramento. Não falta quem de ha muito pense em acrecentar-se com os nossos despojos; e esses occultavam se de preferencia á sombra da Inglaterra, inculcando-a como principal auctora de tredas machinações. Com essa suspeição infiltravam no espirito do povo portuguez um sentimento de desconfiança e hostilidade contra a alliança ingleza, que a extranhos desagradava porque de maus intentos oppressivos e violentas expoliações nos salvaguarda. Eduardo VII desfez com palavras nitidas, de incomparavel nobreza, essa falsa ideia, que uma parte da imprensa europeia tem persistentemente propagado, de que a amizade da Inglaterra para commosso é apenas o egoismo de uma colicão, que só resguarda de outros a presa, porque para si a destina por inteiro, ou em quinhão magno e principal. Não! bem alto e solemnemente o disse o rei de Inglaterra. A alliança com Portugal é uma cooperação amiga, de muito auxilio para a sustentação dos dominios e desenvolvimento do prestigio e influencia, que a uma e outra nação pertencem, e não só alheia mas abertamente contraria a qualquer diminuição das nossas possessões. Os malevolos boatos, tão insistentemente espalhados,

de negociações para a venda ou abandono de Lourenço Marques, e para outras operações de indole semelhante, ficaram assim destruidos pela raiz, para que ninguem mais possa a tal respeito ter duvidas, se ainda alguem tentar dar-lhes curso. A Inglaterra protege-nos, para si propria com a sua honra, e para os outros com a sua espada.

Teve este grande beneficio, a visita do rei Eduardo VII, de aclarar para todos a situação, sem possibilidade de equívocos. Até em Inglaterra poderia haver confusões e obscuridades, que assim ficaram dissipadas. Muitas vezes acontece que o accordo entre os imperantes e as estipulações entre as chancellarias não chegam a perfeito conhecimento do publico e não são por isso confirmadas pelo espirito nacional. Um dos caracteres fundamentaes do povo inglez é o seu *realismo* para com a corôa. Não ha paiz mais cioso das liberdades civicas e politicas, e simultaneamente mais devotado aos seus principes. É esta união, esta intimidade de sentimentos, esta constante permuta de dedicações e de sympathias, que tem sido e continua sendo uma das bases da prodigiosa força da Inglaterra nas luctas internacionaes. E d'ahi resulta que a alliança anglo portugueza, tão festejada em Portugal, foi tambem applaudida em Inglaterra. O rei Eduardo VII fallou; e, em fallar, consagrou a perante o *realismo* do seu povo. E a alliança, em vez de ser apenas um pacto entre dois governos, ficou solidificada e engrandecida como um abraço entre duas nações. *Jonh Bull* e o *Zé Povinho*, cada um com o seu feito proprio, são hoje dois bons amigos. Conquistae preciosa, de magnificos resultados para o futuro!

Uma vida nova se recommenda, na administração e na politica do nosso paiz, para que Portugal possa tirar da alliança ingleza todos os beneficios, que deve produzir. Archimedes pedia um ponto de apoio para a sua alavanca, e com elle promettia levantar o mundo; esse ponto de apoio imaginario para os Archimedes da nossa governação está na alliança ingleza. Se soubermos allear os nossos pensamentos e os nossos sentimentos a uma elevada concepção dos nossos destinos historicos, desdenhando das mesquinherias de politica interna, em que esterilmente se consomem tantas actividades, que poderiam ser fecundas, e se queimam ingloriamente tantos talentos, que poderiam ser obreiros de lances geniaes; se não continuarmos a afogar o futuro nas miserias do presente, poderemos ir longe e subir muito alto, renovando na vida moderna a epopeia do passado. A alliança ingleza é factor para todos os commettimentos. É só preciso ter cerebro e ter alma! Cerebro para architectar concepções grandiosas e patrioticas e alma para facilitar a sua execução e comprimir as ruins paixões.

Será isso obra nossa, e de nossa exclusiva responsabilidade. Ninguem nos poderá substituir n'esse empenho; ninguem nos poderá auxiliar n'esse esforço. É a nossa independencia em foco, a nossa autonomia em acção! Sob esse ponto de vista, que domina o actual momento historico, raro terá apparecido conjunctura de mais delicados melindres para os que directamente influem, pelo poder e pelo conselho, na governação superior do Estado.

Lisboa, abril de 1903.

Emygio Navarro.



O Rei de Inglaterra em Lisboa



chegada a Lisboa do rei Eduardo VII foi assignalada por um formoso dia de primavera, de ceo azul e sol radiante, um d'esses dias que os ingleses denominam *King's weather*, querendo supôr que é ao soberano que a Natureza conserva todos os seus encantos e esplendores.

O *yacht* real *Victoria and Albert* chegou à barra às duas horas da tarde, e fundeu, uma hora depois, em frente do caes das Colúmnas, ao som atrozador das salvas reaes, que partiam simultaneamente das fortalezas de terra e de todos os navios de guerra surtos no Tejo.

Apenas se annunciou a chegada à barra do *yacht*, toda a cidade se pôz em movimento para receber festivamente o egregio visitante. Nos quartéis, os regimentos de infantaria, os esquadros de lanceiros e de cavallaria, a infantaria de marinha,

estavam promptos a sahir à primeira ordem. Nas cocheiras e cavallariças do Paço estavam preparados os antigos e soberbos coches reaes do tempo de D. João VI, que deviam entrar no cortejo. Em todos os edificios publicos e nas ruas e praças do trajeto flutuavam já bandeiras e gahardetes. E, uma hora depois, por todas as ruas que conduzião ao Terreiro do Paço, e já por entre uma multidão ansiosa, que se aglomerava nos passeios, os regimentos passavam uns após outros, com as respectivas bandas de musica à frente, e galopavam garbosamente os esquadros de cavallaria, fazendo tremular a bandeirinha encarnada no topo das lanças, ou agitando os longos penachos brancos sobre o bronze dos capacetes.

A chegada do *yacht* aquella hora constituia quasi uma surpresa. Tendo sahido de Portsmouth com 16 horas d'atrazo por motivo da agitação do mar, e tendo que vencer essa agitação talvez durante toda a viagem, ninguém suppunha que chegasse a Lisboa a tempo de poder o rei desembarcar ás 5 horas da tarde. Mas chegou, vencendo o *yacht* dezesseis a dezoito milhas por hora, a despeito da violencia das ondas e do impeto da ventania.

Por mais fiel e minuciosa que se pedesse fazer a descripção do desembarque, mal se conseguiria dar ideia do aspecto que offercia o Tejo, no momento em que para o caes se dirigia o bergantim real seguido das galeotas. Esse bergantim, de uma forma tão graciosa como a mais graciosa gondola veneziana, era remado por oitenta marinheiros todos vestidos de encarnado. Os quarenta remos emergiam e mergulhavam, a compasso, de cada lado do bergantim com uma tal precisão, que mais pareciam as duas barbatanas de um enorme cetaceo, que viesse nadando para terra à flor tranquilla das aguas. Erguia-se à prôa o piloto; à pôpa, surgindo por detraz da coberta do camarim, via-se o timoneiro, e, de pé sobre a amurada, e um pouco inclinada sobre o rio, destacava-se a figura do official da armada, que, de braço estendido, trazia desfaldados ao vento os dois estandartes reaes ingles e portuguez. Alcançados nas vergas dos masts, os marinheiros de todos os navios de guerra levantavam vivas e hurrahs à passagem do bergantim, enquanto as bandas marciais em terra tocavam o *God save the King*. E, logo que o rei Eduardo saltou em terra, ao troar festivo das salvas dos navios, ao som dos hymnos tocados pelas bandas dos regimentos, ás saudações dos marinheiros da armada, vieram juntar-se os vivas calorosos e profusos da multidão, que se aglomerava no caes e em torno do pavilhão real.

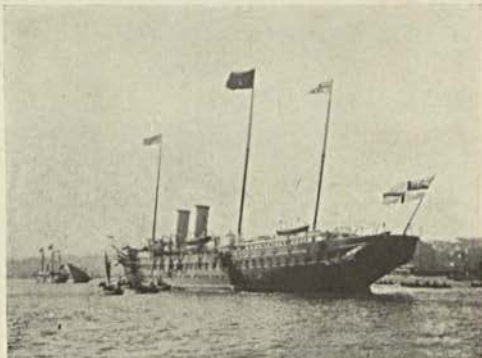
Creio que nenhuma nação poderá hoje apresentar coches de gala, que, pela elegancia da forma e pela riqueza artistica dos ornatos, se possam comparar aos sete que entraram no cortejo. Nem nas cocheiras reaes

de Madrid, nem nos museus e *galerie-membres* de Paris se encontram coches que rivalisem com os nossos.

Abriam o cortejo duas filas de alhaldereiros do Paço, que caminhavam a pé, a distancia de alguns metros do primeiro coche. Era no ultimo que vinham o rei Eduardo, o rei D. Carlos e o infante D. Alfonso. Esse coche, tirado por quatro parelhas de soberbos cavallos de raça, ricamente ajuzados, e cada uma das quaes era ladada de palafreneiros a pé, seguia lentamente até ao Paço das Necessidades, por entre aclamações do povo.

Foi no dia da chegada que se fizeram as illuminações no rio e nas colinas da Outra banda. As magestades, a côrte, o corpo diplomatico, os ministros e altos dignitarios assistiam ao espectáculo das varandas do museu das Janellas verdes. Não sei se em qualquer outra parte se poderia offerrecer um espectáculo semelhante. São necessarias as condições especiaes de Lisboa, a suavidade do clima, a vastidão do Tejo, o pittoresco das suas margens, para se poder effectuar um espectáculo igual. O correspondente do *Times*, que tem assistido a diversas festas nocturnas no Bosphoro, declarou que são incomparavelmente menos bellas do que a illuminação que se lhe deparava. E não era só a illuminação dos navios de guerra, dos centenares de pequenos vapores, faluas e escaleres, que coalhavam o Tejo, o que produzia o efeito mais brilhante; o que na realidade era sorprendente e maravilhoso, era ver toda a margem opposta, n'uma distancia de oito kilometros, que vai do pontal de Cacilhas à praia da Trufaria, a recortar-se n'uma constante scintillação de ouro refrigerante, segundo todas as simonidades e todos os accidentes do terreno, desde o colar suave dos montes até à linha marginal do rio. Era um verdadeiro deslumbramento!

A demonstração mais significativa e mais affectuosa do acolhimento



O yacht real «Victoria and Albert»

que Lisboa fazia ao rei Eduardo, teve-a elle na recita de gala no theatro de S. Carlos. Nos camarotes assistiam, além dos membros do corpo diplomatico, dos officios do *yacht* e cruzadores ingleses e do cruzador hespanhol, todos com as suas vistosas fardas bordadas a ouro, as senhoras da primeira sociedade, com esplendidas *toilettes* e preciosas joias de perolas e brilhantes. Apenas na tribuna real appareceu El-rei D. Carlos com o uniforme encarnado de coronel de cavallaria 3, conduzido pelo braço a rainha sr.^a D. Maria Pia, todos os espectadores se levantaram voltados para as magestades. A orchestra tocou então o *God save the King*; e, logo que terminou o hymno, toda a sala rompeu nos mais calorosos e vibrantes vivas, que se prolongaram por espaço de cinco minutos. Essa mesma demonstração de enthusiasmo e de jubilo se repetiu no intervallo do 2.^o para o 3.^o acto, e no fim do espectáculo, o rei Eduardo estava visivelmente commovido. Baixando repetidas vezes a cabeça em signal de reconhecimento e voltando por toda a sala os seus olhos azues de uma expressão tão suave, via-se que aquella demonstração de affecto lhe tocava o coração.

Na sessão solemne da Sociedade de Geographia não foram só braços e palmas. A sua passagem no vasto salão em que se realizou a festa, as senhoras, que enchiam as galerias, agitavam os lenços e lançavam um chuvaireo de flores sobre a cabeça do rei de Inglaterra.

De todos os discursos, que o rei Eduardo VII proferiu durante a sua estada em Lisboa, na sessão da Sociedade de Geographia, no jantar do Paço, na recepção dos representantes do Parlamento e na sessão solemne da Associação commercial, foi este ultimo o de mais alta e mais importante significação politica. O discurso foi lido pelo rei e redigido pelo subsecretario d'Estado que o acompanhava. N'elle repete o soberano inguez as mesmas palavras



O Bergantim Real a atracar ao Caes das Colúmnas

EDUARDO VII EM LISBOA



A decoração da rua 24 de Julho



A Câmara Municipal dirigindo-se para o Terreiro do Paço



No tiro aos pombos — O sr. Eduardo Romero



No tiro aos Pombos — O sr. Trinalde Baptista



*No tiro aos pombos
Gleba de E. Mayo Cardozo*



A volta do tiro aos pombos



A partida de Lisboa — A carruagem de gala conduzindo os oficiais



No tiro aos pombos — O sr. Alcear



No tiro aos pombos — El rei D. Carlos carregando a espingarda



O passeio a Cintra



Dirigindo-se para o embarque — Eduardo VII trajando o uniforme de coronel de Cavallaria 3



A partida de Lisboa — A carruagem com os soberanos



No tiro aos pombos — Um official atirando



A chegada — Um coche do cortejo



No tiro aos pombos — El-Rei D. Carlos



Desfile do regimento de Cavallaria 3



A escola d' Exercito

affectuosas que proferiu nos outros discursos, referindo-se ás glorias do nosso passado e ás occasiões em que os exercitos portuguez e inglez combateram juntos pela mesma causa. O que, porém, sobreleu n'esse discurso foi a declaração solenne e categorica de que tanto elle como o seu governo tratarão de auxiliar Portugal no seu desenvolvimento colonial, empenhando-se em manter e defender a integridade das nossas vastas possessões ultramarinas. Nenhunas outras palavras poderiam significar maior lealdade e mais nobre dedicação d'uma poderosa nação

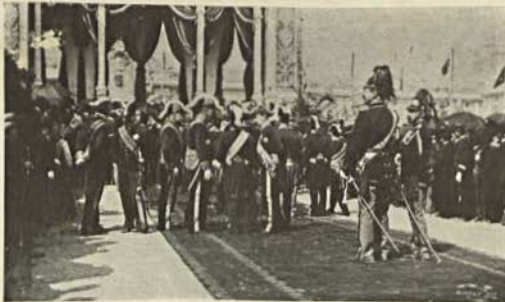


Os clarins do regimento de cavallaria 3

aliada. As declarações do rei de Inglaterra foram sandadas com o mais vivo, o mais intenso e o mais fervoroso entusiasmo pelos centenares de pessoas que se apinhavam na sala. E essas sandações repetiram-se e alargaram-se por todo o Terreiro do Paço, enquanto o rei se dirigia para o bergamim, que o conduziria ao seu yacht.

Está, pois, bem firmada com a visita do rei Eduardo a Lisboa a nossa alliança com a Inglaterra. Nem podíamos adoptar outra politica.

Captivo em Santa Helena, Bonaparte, sendo interrogado por um dos



O elemento official esperando o desembarque

seus leaes e dedicados companheiros sobre o que cumpria aconselhar ao filho relativamente a Inglaterra, respondeu:

— Com a Inglaterra ha só dois modos de proceder: ou dominá-la, ou compartilhar com ella o commercio do mundo.

E, depois d'essas memoraveis palavras, ainda não houve até hoje nação no mundo, por mais forte, por mais rica, por mais andaz e por mais poderosa, que o usasse pôr em pratica o primeiro alvitre.

ALBERTO BRAGA.

A noite do fogo

Costa Pinto, batendo-me no hombro, disse-me de cima dos seus dois andares:

— O rei de Portugal deu-me um abraço diante do rei Eduardo e o rei Eduardo disse-me que me havia de mandar uma lembrança. Então não foi um sonho o que vi? E aquelle jardim, illuminado fortemente por lampadas electricas, onde passavam mulheres com vestidos claros por entre as placas borrifadas de lumes, existia realmente?

A noite magica que mais parecia um sonho, do que realidade, como uma luminosa festa em que eu a esperasse! Na noite negra e sem estrellas, no rio negro, cravejado de fogos, recortavam-se em perfil, os navios illuminados. Os barcos singravam vagarosamente, estremeando a polichroma illuminação dos balões venezianos, que acendiam reflexos de gemas na agua escura; e na outra margem distante, subindo a preguiçosa colina, por toda ella se espraizando, tremendo, o fogo claro das trinta mil barricas d'alcatrão, como lagoas luminosas, arfava á viração, ondeando como um trigal, fogo loiro a brilhar no negrume da noite, que estampava todos os planos, amalgamando os recortes, fundindo as arestas, deixando apenas, como um mosaico, as côres vivas das illuminações, os telhados illuminados, para uma festa d'aves, a linha das docas, e os altos mastros dos cruzadores pacificos e fentos.

De repente, uma haste de flor d'oiro nasceu; abriu-se como um grande ramo, e deixou cair corolla a corolla, petala a petala, todas as doiradas flores, no grande lago d'oiro que nascera no rio.

Depois levantou-se uma outra haste, roxa, e d'ella brotou um chuveiro de plicinas, como uma latada que tomba, illuminando o rio; e outros ramos subiram, alargando-se no ar, cahindo em cascata. Subiram como esguinhos finos de repuxo, alargavam-se, no alto, como um pinheiro manso, e desmanchavam-se em chuveiros de rubis coruscantes, ametistas, turquezas, luminosamente. E no rio onde entravam, nasciam incendios, chispavam d'elle fulgurações extranhas e imprevistas, aqui oiro, além mercúrio, excavações de carreiras d'onix a cegar, para entrar na agua e morrer, n'um ultimo fogacho de chamma.

A's vezes eram cabelleiras ruivas, que lentamente deciam, e mergulhavam no rio, trança a trança, docemente. E todo o rio rutilava na sua aproximação, para se apagar e morrer no mysterio da agua, quando cahiam em seu seio. E continuavam a subir, azues, vermelhos, verdes, os fogos de Bengala, que depois deslisavam á flor d'agua, como uma gemma a boiar.

Como uma gemma a boiar e um luminoso cyane, escoregavam pelo rio manso, como n'uma batalha de joias que á tona ficassem, brilhando.

E todas essas luzes punham no rio fulgurações de thiara, cortesjos calados de mitras, caminhando para a treva, em silencio...

As girandolas estufavam, acordavam no ceo negro os brillos solares, candeias de cometas se acendiam, e depois, como um thuve, deciam mansamente para o Tejo que os guardava, mysterioso...

As bandas saudavam com ares festivos a festa do Fogo.

E mais flores de luz subiram. Foi todo um jardim e uma joalheria! Accenderam-se no ar ramos finos de lilazes, que tombaram, ao som das musicas festivas; nasciam girasoes de petalas fulvas; e azuladas pedras cortavam o ar, n'um arco, para morrer na agua escura, que as recebia a rir, n'um fulgor.

Não foi um sonho, não! Ao reflexo doirado d'esse ramo de chrisanthemos d'oiro, ella appareceu, alta e magra, um vestido azul e transparente, que escorria sobre o seu corpo, como acariadora tunica, de cujas mangas largas saiam as suas mãos, como duas flores: em cada gesto seu um encanto perturbante, com toda a graça ligeira da mulher moderna, e toda ella foi mais luminosa do que a batalha astral, os seus olhos illuminavam mais do que os fogos, e o seu andar, rythmico, como quem dança — *même quand elle marche ou croirait qu'elle dance*, — tinha uma musica mais deliciosa e mais fina, tecida em volupia e em graça, do que as arias que as bandas tocavam, enaltecendo a gloria do Fogo, a gloria da Luz!

HENRIQUE DE VASCONCELLOS

POLITICA INTERNACIONAL

De entre os variados symptomas, que estão annunciando uma profunda modificação no agrupamento das diversas potencias e portanto nas bases em que assenta o actual equilibrio europeu, não ha nenhum mais eloquente do que a viagem politica que o rei de Inglaterra inaugurou com a sua visita a Lisboa.

E' evidente que a Grã-Bretanha, livre das difficuldades da guerra sul-africana, se prepara para intervir resolutamente nas graves questões do dia. A *splitting isolation*, que por tanto tempo foi o lema favorito e a linha de conducta dos estadistas d'alem Mancha, va ser substituida pela politica tradicional de Pitt e de lord Palmston; e é fóra de duvida que esta intervenção está destinada a ter consequências, que desde já não são fáciles de prever em toda a sua formidável extensão, mas que háo de influir poderosamente na historia do nosso tempo.

Os leitores que tiverem lido com attenção as anteriores chronicas devem recordar-se de que ha bastante tempo, que nós previmos a presente evolução da Inglaterra. Ainda a guerra do Transvaal estava pouco mais do que no começo, e já nós prophetisavamos n'estas mesmas columnas, primeiramente que o triumpho final dos ingleses era inevitável, e depois que este triumpho representava o prologo do reaparecimento da Grã-Bretanha na scena do mundo.

Realisou-se a dupla prophécia que então fizemos, e nem podia deixar de se realizar, porque n'um e n'outro caso foi a logica da historia, isto é a fatalidade dos acontecimentos, que impoz a solução. O apparecimento da república na Inglaterra na scena da politica continental dá-se no momento opportuno — *in the right moment*.

A triplíce alliança desconjuncta-se, não obstante todos os esforços de Guilherme II para a amparar. E' a Italia, dado o complexo antagonismo de interesses d'esta potencia com a Austria, quem va fazer naufragar a hybrida combinação de Bismarck e de Crispi. Por outro lado a dupla alliança não oferece mais garantias de duração. Da parte da França já perceberam que a intenção reservada com que os ministros francezes a realisaram — a *reserve* — está irremediavelmente inutilizada pela politica de bascula de S. Petersburgo. Da parte da Russia tambem o antagonismo das duas alliadas começa a apparecer claro — collisio de interesses religiosos na Palestina, collisio de interesses economicos na Asia Menor (caminho de ferro de Bagdad), collisio de interesses politicos na politica baltica. O tom de alguns jornaes russos para com a França, e especialmente para com o sr. Delcassé, a proposito do auxilio financeiro dado pelos capitalistas francezes ao syndicato allemão concessionario do caminho de ferro de Bagdad, e a maneira como agora mesmo é tratado pela imprensa moscovita o ministro dos negocios estrangeiros da república por motivo da politica, que está seguindo na questão da Macedonia, são altamente significativos.

E' n'esta conjunctura que Eduardo VII emprehe a sua viagem, e que depois de Lisboa se prepara para visitar Roma e Paris. Ninguém diria que o proprio rei se seja propicio para a nova orientação, que a politica inglesa va tomar.

A triplíce alliança e a dupla fóram duas combinações originadas pelos successos de 1870, mas fatalmente condemnadas como formulas definitivas de equilibrio para a politica europeia. Todam por um momento correspondendo a uma determinada necessidade, mas satisfeita ella, viu-se claramente que os dois agrupamentos assentavam em bases falsas, eram artificiaes e nada d'elles tinham a esperar no futuro os respectivos promotores. A triplíce alliança foi inventada pela Alemanha para assegurar a posse tranquilla da Alsacia-Lorena. Para este fim conseguiu persuadir a Italia de que a França se preparava para encontrar na peninsula a compensação aos seus desastres. Como resposta a triplíce instituiu-se a dupla alliança cujo intuito foi apenas, pelo menos da parte da Russia, contrabalançar o poder cada vez maior da Alemanha, sobretudo depois de que pôde contar, incondicionalmente quasi, com o auxilio da Italia e da Austria. Tambem considerações de ordem financeira actuaram em S. Petersburgo para o passo dado por Alexandre III tomando a iniciativa da aproximação.

Hoje, porém, a situação mudou inteiramente. A triplíce alliança, depois do accordo franco-italiano, perdeu a sua razão de ser. E com o enfraquecimento da triplíce perdeu igualmente a dupla alliança para a Russia todo o valor, sendo além d'isso certo que o mercado financeiro francez se encontra saturado de papel russo, tendo o sr. de Witte de procurar novos clientes para os seus emprestimos.

N'estas condições a evolução, que se está dando, era inevitável e por isso fácil de prever. Novos interesses esboçam desde já novas combinações, e a viagem de Eduardo VII dá os primeiros lineamentos do que se prepara.

As visitas, que dentro em pouco o monarcha inglez deve fazer a Paris e a Roma, são sob este ponto de vista bem significativas. A questão do Mediterraneo, primeiramente discutida entre a Italia e a França, va ficar definitivamente regulada com a sanção de Eduardo VII. A nenhuma das tres potencias pôde convir o predomínio da Russia n'este mar, tal como elle se annuncia pela insistencia com que o sr. procura annullar a clausula, que lhe impede passar com as suas esquadras pelos Dardanillos, e portanto reunir ao resto da sua frota as forças maritimas do Mar Negro. E' este um primeiro ponto de accordo entre a Inglaterra e as duas nações mediterraneas. Mas não é esta a unica coincidência de interesses entre Paris, Roma e Londres. A questão macedonica ou antes a questão baltica é um ponto de discordia para a triplíce e para a dupla. Pelo contrario as tres potencias occidentaes tem n'ella unidade de vistas. Que admira, pois, das todas estas condições politicas, que Eduardo VII vá visitar o rei

de Italia e o presidente da república franceza? Decerto d'esta viagem não sairá immediatamente a alliança das tres nações. A triplíce alliança continuará a subsistir ostensivamente, assim como a alliança franco-russa. Mas no fundo a situação terá completamente mudado. Escusado será accentuar que a situação que se prepara, terá como principal resultado o isolamento da Alemanha, que começa a colher os fructos da sua politica dubia e tortuosa. Não ha duvida de que o Kaiser, com o seu temperamento impulsivo e a sua mania de tudo concentrar nas mãos, estragou a obra de Bismarck. Pouco a pouco tem espalhado em torno do imperio allemão uma tal atmosphera de desconfiança e recios, que a colligação contra elle de todos os interesses ameaçados se faz espontaneamente, sem accordo previo e por um natural sentimento de defesa.

Se Luiz XIV podesse ser o seu proprio primeiro ministro, não significaria este facto que todos os chefes d'estado tenham igual pulso, além de que as condições politicas da Europa são inteiramente diferentes e sem comparação muito mais complexas e portanto muito mais difficéis de dominar do que no tempo em que era arbitro da paz e da guerra o rei Sol.

O diletantismo na diplomacia só pôde ser inoffensivo, quando se exerce em minimos pormenores de cerimoniaal ou em bugiuganas de pragmatica. Applicado ás questões vitais de um grande imperio pôde dar os resultados, que a estas horas e a proposito da viagem do seu real tio Guilherme II deve estar antegostando.

Muito proposadamente deixámos para o ultimo logar o que se nos affigura ser o alcance da viagem de Eduardo VII a Lisboa. Que esta viagem tem importancia excepcional para os dois paizes, prova-o bem a azeite do rei em todas as occasões em que tomou a palavra entre nós. E' a primeira vez que um monarcha da Grã-Bretanha usa no estrangeiro de linguagem assim. Nos diferentes discursos com que respondeu ás mensagens, que lhe foram apresentadas, e ainda no discurso de despedida já a bordo do *yatch* real, Eduardo VII, quebrando com as velhas tradições da diplomacia que requeriam a nebulosidade como a qualidade indispensavel do politico, foi claro, preciso, categorico nas affirmações respeitantes á alliança dos dois paizes, e no decidido empenho da Inglaterra em respeitar a absoluta integridade do dominio colonial portuguez.

Esta ultima declaração, sobretudo, partindo de tão alto, tem um alcance nacional e internacional que é inútil encarecer. Para a nossa politica interna contem o mais formal desmentido a todos esses persistentes boatos de alienação do dominio colonial, que com impertinente persistencia tem entrado até agora como factor obrigado da politice cascaira, com grave prejuizo do bom nome portuguez e serio desprestigio do credito da nação. Depois das palavras solemnes de Eduardo VII, ninguém mais poderá tomar a serio semelhante lenha.

Mas se este deve ser o effeito das laes affirmações do rei de Inglaterra para a nossa politica interna, a importancia que ellas tem para a politica internacional, em conjunctão com a politica portugueza, não é menor. Todos estarão ainda lembrados do sobresalto que ha poucos annos colheu de improviso o paiz, quando n'um bello dia elle teve conhecimento de que se celebrava um tratado anglo-allemão a respeito da Africa oriental, no qual havia clausulas que se referiam ao destino das colonias portuguezas africanas. Muito se fallou d'esse tratado, muito se discutio o seu alcance, e muitos prognosticos se fizeram acerca das suas provaveis consequências. Os nossos estadistas nunca lhe viram o texto, e embora as declarações tranquillizadoras não faltassem por parte dos dois co-interessados, é certo que o mais justificado desasossegado persistio sempre entre nós a tal respeito. As condições da celebração do mencionado tratado não podiam deixar de particularmente chamar a nossa attenção. Fóra de toda a duvida fóra elle arrancado pela Alemanha á acquiescencia da Inglaterra, mercê dos embaraços com que esta ultima potencia estava lutando por motivo da guerra sul-africana, então no seu auge, e da revolução dos *bóxers*, que creava á Inglaterra na China uma situação cheia de difficuldades. Espiritando com verdadeira avides o momento opportuno, á diplomacia allemã logo explorou em se elle havia novas complicações em que o imperio britannico estava envolvido. O pretexto do tratado parece ter sido a perspectiva de que Portugal não posses pagas a indemnização a que o tribunal arbitral de Berne nos condemnaria na questão do caminho de ferro de Lourenço Marques. Ver-nos-háos obrigados a vender alguma ou algumas das nossas colonias para pagar a indemnização, e dada esta hypothese a Alemanha reservava para si liberdade de acção em Angola, deixando a costa oriental ao cuidado dos ingleses.

Era esta pouco mais ou menos a principal clausula do tratado. Como e porque o caso previsto pela Alemanha não veio a realizar-se, é bem sabido. No entanto o tratado, ao que parece, continuava a subsistir, aguardando a sua opportunidade, a qual, sendo necessario, se apressaria pelos processos familiares a algumas potencias nossas conhecidas.

E' este pedacello que as nobres declarações do monarcha inglez vieram definitivamente arrear de nós. A hypothese para que o tratado anglo-allemão se negociara, por iniciativa da Alemanha, não se realisará jamais, pelo menos com a acquiescencia da Inglaterra. Quer isto dizer por outras palavras, que o tratado anglo-allemão deixou de subsistir.

Se as nossas suposições carecessem de confirmação, a attitude da imprensa allemã ao apreciar a visita de Eduardo VII a Lisboa, eram d'ellas o melhor comentario.



A partida — Eduardo VII despedindo-se do Ministro da Justiça e do corpo diplomático



A visita à Sociedade de Geographia — A comitiva de Eduardo VII apertando-se



O homem que, na espreita anglicana só deixava entrar... ingleses



O Pucilhão da Praça do Commercio onde o Rei de Inglaterra recebeu os cumprimentos do mundo oficial



O regimento de Cavallaria 3 formando no Largo das Necessidades



No tiro aos ombros — Um grupo de espectadores — Clichê de E. Maya Cardoso



O berçanteim conduzindo a bordo do yacht real os Reis de Inglaterra e de Portugal



A bandeira do regimento de Cavallaria 3

EDUARDO VII EM LISBOA



Ao embarcar no Bergantim. — Eduardo VII trajando o uniforme de coronel honorario de Cavallaria 3, e El-Rei D. Carlos I o de commandante do regimento de Oxford Shire

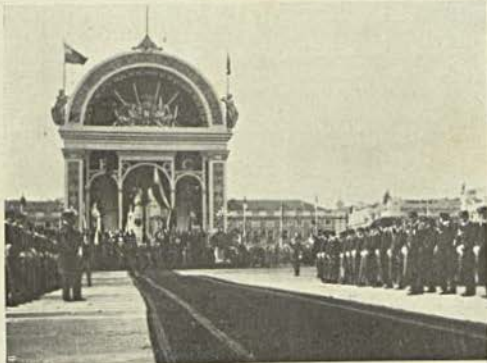
A Inglaterra e Portugal

Verdades necessarias

O *Brasil-Portugal* que não é uma revista politica, que não segue parcialidade alguma, pode desassombadamente dizer o que se lhe affigura sobre o exito da visita do rei de Inglaterra, sobre o acolhimento que teve em Portugal o monarcha britannico, e sobre a acção da imprensa no exito da alliança. Pois não quer que uma quinzena mais decorra, sobre os acontecimentos sensacionais que se deram, sem dizer, sem accentuar bem claramente n'esta pagina que a imprensa jornalística de todos os partidos honrou a sua missão, comprehendeu e cumpriu o seu dever á altura das responsabilidades que lhe cabiam, e no exito alcançado teve a consolação de ver o resultado da sua força e da sua propaganda.

A alliança, que era exclusivamente politica, fez a imprensa abertamente popular. A alliança, que era monopólio dos reis e dos governos, fez a imprensa partilhar de toda a nação. Estava fechada a sete chaves no gabinete dos ministros: a imprensa trouxe-a para a rua, para as praças, para as multidões, fez-a acclamar com flores, com bravos e com urrahs, conseguiu que a sua passagem fosse celebrada com hymnos triumphaes, chamou todas as sympathias para a nobre personalidade de Eduardo VII, e fez com que a palavra sublime *Integridade*, proferida por elle fosse recebida com o estrepito das palmas e a effusão dos corações.

Foi tudo isto obra da imprensa e é justo confessar que maior, que mais vasta obra, nunca ella havia realizado até hoje. Para se lhe calcular a grandeza basta calcular o que seria a conse-



O pavilhão real no Terreiro do Paço

rei Eduardo VII. É innegavel. A sua apresentação, a sua affabilidade, as suas palavras, com que desde o primeiro instante foi recebido, Eduardo VII tornou-se entre nós popularissimo. Mas deve dizer-se, que as disposições favoraveis d'esses primeiros momentos, que poderiam ter uma influencia decisiva, as preparos a imprensa; como depois as manteve e desenvolveu pondo em relevo, n'uma uniforme orientação de reportagens patrióticas, as qualidades pessoais de rei de Inglaterra, os primores da sua bondade e amizade, e as vantagens da politica internacional, que a sua presença veio consagrar.

A imprensa prestou, n'uma louvavel concordancia, um grande, um enorme serviço publico. Não foram alicios e camarilheiros — que talvez a esta hora se vangloriem de haver creado no dirigiço das correntes da opinião publica — os que dissiparam antigos preconceitos, deslizaram reservas e friezas, e apagaram tradicionais desconfianças sendo declaradas animosidades, quem prestou esse serviço foi a imprensa; a imprensa de todos os matizes, sem exceptuar a republicana, que, dentro da inteireza do seu programma e dos seus naturaes melindres, soube mostrar-se absolutamente correcta.

Foi a imprensa quem se por seu contacto directo com a alma da nação, quem falou ao coração do país; quem fez apello á sua razão e bom senso, e fez vibrar os seus sentimentos generosos e affectivos. Os outros elementos, a que por ventura se attribuem os meritos da obra, como titulo para dirigiço na partilha dos beneficios, eram antes uma contrariedade e não um auxilio, e menos ainda uma força efficiente. Foi a imprensa, que para vencer teve até de triumphar de varios estorvos internos. Na sua correção, não se esqueceu do que devia á dignidade do país, e á propria dignidade do egregio visitante, que se acolhia á hospitalidade do rei de Portugal, e exaltou-o e festejou-o calorosamente, sem nunca deixar de se honrar a si propria, honrando a hospitalidade da nação!

Quem compare as festas de hoje, tão accentuadamente caracterizadas pelas sympathias populares, com o estado do espirito publico ha tres ou quatro annos — sem remontarmos mais longe — é que bem poderá apreciar a transformação profunda, a evolução substancial, que se realizou nos sentimentos do povo portuguez, em todas as suas camadas. Não o dizemos para allegar folha de serviços e muito menos para apresentar memorial nosso, de postulante, nas caixas das graças e mercês regias, pelo valor da intervenção que justamente nos possa ser attribuido no primeiro periodo d'essa ingratia e laboriosa propaganda. Para isso nos tem sobrado sempre alicives — e desdem. E ainda agora nos não falta. Não crêmos, que haja alguém na imprensa, que ao cooperar, hon-



O corpo de marinheiros formado na parte norte da Praça do Commercio

quencia do silencio cortez e comedido que ella guardasse em torno do augusto hospede de Portugal. Não lhe faltariam certo as honras officiaes a que tinha direito a sua alta hierarchia, mas a estas não se associaria o povo, e, como os corações, ficariam mudos os labios. Foi toda a grandeza da hospitalidade e toda a razão da alliança estiveram na eloquencia dos sentimentos e nas vibrações dos hirtos e dos vivas, que atravessaram as fronteiras de todas as nações e repercutiram em todo o mundo, levando a todos uma certeza, e a muitos uma decepção ou uma inveja.

Fez tudo isto a imprensa, esta instituição soberana que com todos os seus defeitos ainda é a maior e a melhor de todas, e que, quando assim se alyra e desdobra em beneficio, a tal ponto parece desconhecer o omnipotencia da sua força e a magestade da sua acção que até permite que outros lh'os desconheçam, os menosprezem e lhe paguem os serviços com a ingratitude. Assim aconteceu agora, assim tem acontecido sempre, e assim hade acontecer n'esta santa terra portugueza enquanto o Leão não quizer mostrar a *grife*, enquanto elle se recusa a provar o que pôde e enquanto a imprensa se omnipotencia em mostrar-se satisfeita e consolada pela ingenua e simples ideia de que recompensa é synonymo de consciencia.

Estas considerações que nos atravessam rapidas o cerebro, encontramos-as tão bem formuladas, tão nitidamente aduzidas n'um artigo do jornal *Novidades*, que reproduzimos o se nos affigura um dever. Ell-o:

A imprensa

Não podia ser mais sympathico e mais calorosamente affectuoso, do que tem sido, o acolhimento que na capital do reino encontrou o



Cavallaria 3 formando na Praça do Commercio



Depois da visita á Sociedade de Geographia

tem ou hoje, n'esta grande obra patriótica, pensasse na mesquinheria de disputar a sulcos e cunhaesilhos os merceda palatinos. Se riviõnicamos para a imprensa, como collectividade e sem distincão de matizes, os meritos d'este patriótico esforço, é só para registo da verdade, e por invocacão á justiça!

Sobretudo, por invocacão á justiça. Diz-se muito mal da imprensa — muitissimo mais do que ella o merece; é certo que tem por vezes os seus desvios, como institucão sujeita aos impetos e desregramentos das paixões humanas; e é por isso inevitavel que esteja sujeita a responsabilidades e correctivos. Mas é uma grande e prodigiosa força, que, como agora, não pôde ser substituida por nenhuma colligacão de forças, para fazer o bem, para defender e sustentar a causa publica, para salvaguardar os grandes interesses nacionaes. A imprensa, sem mesmo ser aggressiva, poderia ter creado n'esta conjunctura uma situação desagradavel, e por isso mesmo uma crise melindrosa para as relações internacionaes; preferiu soffrer paixões, esquecer resentimentos e apagar dissídios, para concentrar todo o seu esforço de persuasão junto da alma popular, em bem da patria e para glorificacão dos seus destinos. Esteve a toda a altura da sua missao. E foi ella quem venceu!

A esta altura não pôde chegar o arbitrio irresponsavel do sr. juiz corregedor. E' a este ponto final que pretendemos chegar. E' esta a nossa sollicitacão de justiça! Discutam nas camaras, como quizerem, o valor dos precedentes, e as diferentes formulas interpretativas da legislação vigente, que por ellas já deixou de ser severa para se tornar odiosa. A causa, que já estava julgada, fica definitivamente sentenciada agora em ultimo recurso. Não queremos a imprensa irresponsavel; mas diremos que a irresponsabilidade do sr. juiz corregedor contra a imprensa, que tão alto e com tanta nobreza soube mostrar-se, seria, além d'um attentado, uma vileza sem nome!

E' só este o nosso memorial: pela imprensa, pela collectividade, em nome da justiça e da honra nacional.

A mulher-balao

Quem quizesse vel-a era estar na Avenida ás 4 horas da tarde no inverno.

Ella vinha magestosa e olympica, pela rua do Principe, com um pequeno vestido de jockey, pela mão; costeava o monumento dos Restauradores, descrevendo a curva pelo lado do palacio do marquez da Foz; subia professionalmente a Avenida sempre olympica e magestosa, com o pequeno vestido de jockey, pela mão, até



Grupo de officios de Cavallaria 3 dirijindo-se ao Paço para serem apresentados a Eduardo VII

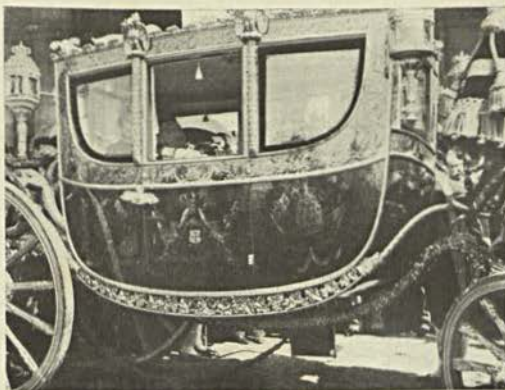
á altura da rua das Pretas; voltava magestosa e olympica, para baixo, até ao já citado monumento dos Restauradores; tornava



O coronel Dias da Silva, commandante de Cavallaria 3

olympica e magestosa até á referida rua das Pretas; bis-voltava magestosa e olympica até defronte do theatro da rua dos Condes; e depois, descrevendo um angulo recto, avançava olympica e magestosa para a calçada da Gloria, e magestosa e olympica subia para o elevador, dando sempre a mão ao pequeno vestido de jockey.

E todos os dias fazia o mesmo com uma pontualidade, uma certeza de chronometro. E era tal essa certeza, era tal essa pontualidade, que um velho conselheiro, que morava no Campo de Sant'Anna, e que durante muitos annos, quer chovesse, quer ventasse, era certo á uma hora da tarde para acertar o relógio pelo balão do arsenal, deixou-se de ir ao balão e começou a acertar o relógio por ella. Em vez de o acertar á uma, acertava-o ás quatro. E o relógio andava-lhe certinho que era um gosto, e o conselheiro começou a propalar entre os seus amigos do sitio a sua nova descoberta. E a coisa espalhou-se rapidamente, e quando ella, a formosa desconhecida apparecia, olympica e magestosa detrás do monumento dos Restauradores, com o pequeno vestido de jockey, pela mão,



Um coche real



A atracação ao Cais das Columnas

muita gente tirava logo da algeibira o relógio e acertava-o com uma convicção profunda. E a mulher baía avançava magestosa e olympica, tão indiferente ás acertadelas dos relógios, como ás

mais persistentes seguir até ao largo de Santa Isabel; ella, porém, continuava sempre por ali acima como se se dirigisse para o infinito; raros, raríssimos tinham amor e tinham pernas que deitassem até lá acima, á travessa dos Ladrões. E esses mesmos, apesar da sua valentia, tinham que desertar, voltavam para traz desanimados, estafados, não tendo conseguido nunca saber onde ella morava! E ninguém se podia gabar de ter alcançado d'ella um olhar mais significativo sequer. Os mais ousados, o mais de que se podiam gabar de ter alcançado d'aquella mulher era umas calças monstruosas!



O bergantim do Ministro da Marinha

olhadas apaixonadas dos passeantes, aos ditinhos impertinentes dos galanteadores atrevidos. Som fazer caso de nada d'isso,

apareceu, olympica e magestosa, mas sem o pequeno vestido de jockey, pela



Vista do Cais das Columnas no momento de atracarem os Bergantins

dava as suas duas voltas do estylo, para baixo e para cima, para cima e para baixo, e depois mettia-se no *trameyay* funicular com uma ares mgestatica de deusa, como se tivesse descido expressamente do Olympo para subir para o elevador da Gloria!

Já se sabia a hora a que ella se elevava, e a essas horas o carro tinha sempre enchente á cunha; e quando ella se apeava lá em cima e se mettia para o Passeio de S. Pedro de Alcantara, o Passeio enchia-se como se lá houvesse musica. E ella, indifferente á tudo, olhando para todos sem olhar para ninguem, seguia o seu caminho. Esse caminho, porém, era comprido como o demônio, e lá pouco a pouco fazendo rarear as columnas cerradas dos seus adoradores.

Até á Patriarchal, ainda iam sempre todos; mas ahi, vendo que ella continuava magestosa e olympica, com o pequeno vestido de *jockey*, pela mão, o seu caminho, enfiando pela comprida rua da Escola Polytechnica, os adoradores que a seguiam começavam a debandar: uns mettiam-se pela Cotovia, outros desciam a rua Formosa, outros atravessavam á rua do Jasmim. Lá em cima, no Rato, a debandada era ainda maior.

Ella, sempre no mesmo passo de deusa, subia a rua do Sol, e então muitos d'aquelles que tinham investido á Patriarchal davam parte de fracos, lavravam o seu termo de desistencia saltando para os americanos que desciam a rua de S. Bento ou dando meia volta á direita e internandose na velha cascada do Salitre. Alguns mais persistentes seguiram até ao largo de Santa Isabel; ella, porém, continuava sempre por ali acima como se se dirigisse para o infinito; raros, raríssimos tinham amor e tinham pernas que deitassem até lá acima, á travessa dos Ladrões. E esses mesmos, apesar da sua valentia, tinham que desertar, voltavam para traz desanimados, estafados, não tendo conseguido nunca saber onde ella morava! E ninguém se podia gabar de ter alcançado d'ella um olhar mais significativo sequer. Os mais ousados, o mais de que se podiam gabar de ter alcançado d'aquella mulher era umas calças monstruosas!

Um dia porém houve um homem, e uma fraca figura que elle era, por signal, que deu prova de uma rizeja de canella excepcional. Chegou á travessa dos Ladrões e não desistiu. Os seus dois unicos competidores que tinham avançado até ali, ao verem o arredo sombrio do Passeio da Estrella, desistiram, voltaram para traz a passo miudo, demorado, esperando o americano Elle, o heroe, voltou serenamente a rua S. Luiz, onde ella voltara e seguiu por ali fóra, destemido, invencível a todas as calças d'este mundo. Ella atravessou o largo da Paschoa. Elle atravessou o largo da Paschoa. Ella andou toda a rua de S. João dos Bemcasados. Ella andou toda a rua de S. João dos Bemcasados. Ella voltou para cima. Elle voltou para cima tambem, mas fazendo já das tripas coração e do coração pernas Ella andou ainda um bom pedaço, e finalmente parou a uma porta e bateu. Elle soltou um enorme suspiro de allivio.

A porta abriu-se e ella entrou, mas antes de entrar lançou um olhar ao heroe, um olhar doce, demorado, que lhe penetrou até ao fundo do alma e o qual elle depois d'aquella estafa, como se fosse uma fofa cadeira de braços. Depois entrou e fechou a porta.

O heroe esperou, encostando-se á parede, porque já se não podia ter em pé. Uma janella abriu-se e ella se viu, olympica e magestosa, mas sem o pequeno vestido de jockey, pela mão. Mesmo á janella tirou o chapéu de palha, como que para indicar que estava em casa, e o sol amortecido das cinco horas da tarde de inverno, recuperou por momentos o seu brilho faiscante, beijando-lhe os cabellos de ouro.

O heroe em extasis deu dois passos para defronte da janella. A desconhecida, porém, ao vê-lo mover-se, mettu-se logo para dentro e fechou a vidraça. Elle ficou com cara de tolo, parado na rua sem saber que fazer. Por fim tomou a sua resolução: — ir-se embora. Mas á proporção que se afastava ia olhando para traz. A janella tornou a abrir-se, e o sol tornou a refugir beijando aquelles cabellos de ouro. O heroe parou e, retrocedendo deu dois passos, como quem ia approximar-se outra vez da casa.

A janella fechou-se outra vez immediatamente, e a desconhecida desapareceu como uma visão radiosa.

— Mas! murmurou o heroe, e continuou o seu caminho afastando-se.

E quando ia lá no fim da rua olhou para traz. O sol punha outra vez scintillações faiscantes nos cabellos de ouro da famosa desconhecida.

— Já sei... quer dizer que mora ali, mas que não convem que eu pare defronte das janellas! raciocinou o heroe descendo á rua das Amoreiras.

No Rato apasnhou um americano que lá para o Rocio; atirou-se para elle, e quando chegou a casa, era noite fechada e sentia as pernas como que partidas.

Jantou com um appetite de fera e dormiu como um animal. E lá pela madrugada, quando accordou e olhou para a lamparina que bruxoleava no seu quarto, alumando-lhe o somno, a morticia luz de azeite fez-lhe o effeito de uma deslumbrante luz de magnesium.

É que os seus olhos, mal abertos e embalados ainda pelos sonhos radiantes, julgavam vêr as scintillações refulgentes que os últimos raios do sol tiravam dos cabelos de ouro d'aquella mulher magestosa e olympica, que passeava com um pequeno vestido de *jockey*, pela mão, e que morava na Cruz das Almas, que n'aquelle dia, para o nosso heroe, se podia muito melhor chamar a Cruz das Pernas!

GERVASIO LOBATO.

Jorge o Santo

Quando chegou a sua vez de falar, Beauminet falou assim:

— Houve uma enorme gargalhada, no club no dia em que o conde Raul de Fondrilles nos annunciou que o seu irmão ia fazer-se jesuita. Não porque não respeitásemos muito os reverendos; mas era tão comico ver um Fondrilles envergarem uma negra roupeta!

— Se não havíamos de rir! Raul, o grande Raul, o jogo feito homem, o duellista desenfadado, o D. João do grupo, Raul, ter por irmão um homem santo! Era caso para reventar á gargalhada, pois não era?

— Só eu, ao mesmo tempo que ria, não fiquei admirado; porque conhecera no collegio o irmão de Raul, Jorge o Santo.

— No meio da hilaridade geral, houve uma nota discordante. Foi aquelle idiota de Mazurier, um pretencioso e *hatriano*, um Homais que andava commoço não sei porquê, que disse uma palavra:

— Então, a respeito do dinheiro d'elle, ficas a ver navio!

— Todos lhe voltaram as costas, sem lhe dar resposta.

— A verdade, disse-me Raul, não preciso dizel a a este animal, nem sequer para o convencer. Não faço empenho n'isso. A verdade é que Jorge, pelo contrario, faz-me uma doação inter-vivos de tudo que possui, mas com uma condição... Sabes qual?

— Não.

— Com a condição de eu me casar.

— Que idéa!

— Não é tão tola como parece! Nós dois somos os únicos Fondrilles, elle não quer que o nome se extinga.

— E tu casas-te?

— Estás doido? Disse-lhe que, se fazia muito empenho em emtnisar os Fondrilles, casasse elle. Deu um pulo. E' comico, aquelle rapaz. Só pensar n'uma mulher o faz corar. Passava-se isto, esqueci-me de o dizer, ha mais de dez annos, seis mezes antes da declaração de guerra. N'aquella época, tinha Raul vinte e sete annos, Jorge, vinte e dois. Quando rebentou a guerra, Raul estava no Franco Condado, no castello dos Herbelet, Jorge estava no seminário e devia receber as ordens no proximo Natal.

— Eh! eh! disse Mazurier. Então ainda acham que aquelle feitiço de Jorge fez mal em escolher a sotaina! Isenção militar. E se Raul parte como guarda movel, e se apanha algum balasio, ainda os jesuitas veem a herdar.

Reischoffen, Sédan, Metz, o cerco de Paris! todos soldados! O club ficou deserto, o nosso grupo ficou dissolvido. Cada um foi para seu lado para os campos de batalha, e Mazurier para a Belgica.

— Eu fiz a campanha do Loire, como dragão n'um regimento de marcha. Que era feito dos amigos? Onde estava este, aquelle? Teria morrido? Não sabia de nenhum.

— Contudo, um dia, n'um pedaço de jornal, vi annunciada a morte de Raul de Fondrilles, morto pelo inimigo. Não pude deixar de me lembrar da predição de Mazurier.

— Um mez depois recebi uma carta que correrá atrás de mim, de acampamento em acampamento. Era do senhor Flévan, notario em Besançon, e encerrava um outro sobrescripto lacrado. O notario annunciava-me que Raul deixára no seu escriptorio, no principio da campanha, aquelle sobrescripto para mim, encarregando o de m'o fazer chegar ás mãos se elle morresse durante a guerra. Dera-se o caso previsto, e o notario executava a vontade do seu cliente.

— Não sei porque, a mão tremia-me ao quebrar o lacre que fechava a carta de Raul. Parecia-me que abria uma carta do outro mundo. Eis essa carta, que sempre gravei na minha memoria, eu que nunca tive comtudo premio algum nas aulas de recitação:

Meu querido amigo

— Sou um estroina, e tu és outro. Mas a dama de espadas, os gabinetes particulares, os maridos infelizes, as dividas absurdas, os duellos estupidos, a vida estragada, nada



Os alumnos da Escola do Exercito

d'isso obsta a que tenhamos coração, não é assim? E a prova, é que vamos esburacar a pelle por ordem d'um Gambetta, mas pela França.



Eduardo VII entrando para o coche Real

Cons.º Hintze Ribeiro El-Rei D. Carlos

Marquez do Foyal



Lanceiros 2 formando no Aterro



No Chiado.—A ornamentação do jornal «Novidades»

—Pois bem. Eu, meu caro, não vou tão alegremente como digo. Não te admires! Tenho um peso na consciencia. Sim, eu! Uma rapariga enganada, seduzida, gravida. Dir-me-has que fiz o mesmo com outras, e com mulheres casadas! Seja! Mas esta é uma innocente, e arrependo-me. Escuso de te contar por medo o meu romance. Em duas palavras: fica sabendo que se trata de uma camponesa, de uma pastora, enfim! É ridiculo, hein? Daphnis e Cloe, na minha idade, eu, o Raul! Vaes-te rir.

—Não, não ris. Bem te conheço, debaixo d'essa mascara. Mascara, todos nós temos, mascara de estroina, de sceptico, de indifferente. Mas por debaixo, ha a pelle, e debaixo d'esta pelle, um homem. E' a este homem que eu fallo, meu caro.

—São as desgraças da patria que me tornam grave? Creio que sim, e d'isso me orgulho. Portanto penso n'aquella rapariguita e na creança que pode nascer.

—Se eu morresse...

—N'esta previsão, deixo uma carta para meu irmão, para que elle se encarregue da mãe e do filho. Mas, não sei se teinho razão, a verdade é que não estou tranquillo. Elle vai ser padre e jesuita. Os escandalos da minha vida devem horroresal-o. Tenho medo de que elle veja na minha ultima vontade um capricho de libertino *in extremis*. Tenho medo de que elle não possa comprehender este escrupulo estranho que me persegue depois de tantas loucuras. Em summa, desejo que tu saibas o que se passa, e que possas influir n'elle no caso d'elle hesitar, e substitui-lo se se aquizar.

—Quero que essa mulher e essa creança vivam e sejam felizes, percebes? Admitto que seja uma das minhas excentricidades; sei que és tambem excentrico; por isso respeitars o meu desejo, e conto contigo.

—Felicidade, meu caro! mais felicidade do que este teu theludo Raul! Porque, se leres isto, é que fui á gloria no jogo da guerra.

—Todo teu, e obrigado.

«Raul de Fondrilles».

Depois seguiram-se esclarecimentos: o nome da rapariga, o lugar onde ella estava (Auxon-Dessons, perto de Besançon), a quantia que Raul queria que ella recebesse como pensão, etc.

Obrigado, dizia-me elle. Dizia muito bem. Estou prompto a obedecer-lhe. Mas como é que o hei de fazer já? Como hei de ir a Auxon-Dessons? Onde encontrarei Jorge? Estamos no Loire e elle devia estar em Paris bloqueado. Demais, não podia deixar o regimento.

Fasson-se um mez. O nosso corpo d'exercito, esfarrapado, refundia-se com uma nova divisão, e teve ordem de seguir para o exercito de Leste, que estava em Bourbaki. Iamos para Besançon. Bem bom!

Pois sim, mas afinal ganhava eu com isso alguma coisa? Não tinha tempo de parar, e de ir até Auxon-Dessons!

Para a frente! para a frente! Tentava-se um supremo esforço, jogava-se a ultima cartada! Que bellas illusões n'aquelle exercito em farrapos, feito pelos soldados d'aqui e d'alli, de attonitos mobilizados, de guardas moveis do Loire, mas em quem não morria o enthusiasmo! Iamos desbloquear Belfort, romper a Baviera, cair sobre a retaguarda dos silitantes de Paris! Juro que todos nós estavamos convencidos de que o fariamos.

E contudo, que miseria, que confusão, que cabos! Nem viveres regulares! Zuavos com saias em guisa de calças!

guardas moveis sem officias! regimentos de cavallaria organizados á pressa, couraceros, dragoes, lanceiros, de mistura com spahis enviados pelos *goums* arabes! Sempre me recordarei da manhã em que havia vinte e sete grãos de frio, e do nodo como nós marchavamos, levando os cavallos á arreata. Recordar-me-hei sempre d'aquelle velho guarda dos cem, cuja cabeça se via acima de todos e cujo capote vermelho, enorme, enodoava sanguinolentamente o horizonte pardacento.

Chegámos a Haricourt. Quando nos estavamos a formar em columnas por esquadrões, veio em direcção a nós, a galope desfechado, um cavalleiro, um ajudante de campo, com a pluma tricolor no chapéu. Trazia ao nosso regimento de marcha a ordem de carregar sobre o terreno em ferradura d'Haricourt, se os Lyoneses allí não pudessem manter-se. Transmittida a sua ordem, ficou junto do coronel, dizendo-lhe:

— Vou comigo na carga.

Eu estava ao pé. Fortu-me a sua voz. Conhecia-a.

— Não é possível! exclamei. E' Jorge.

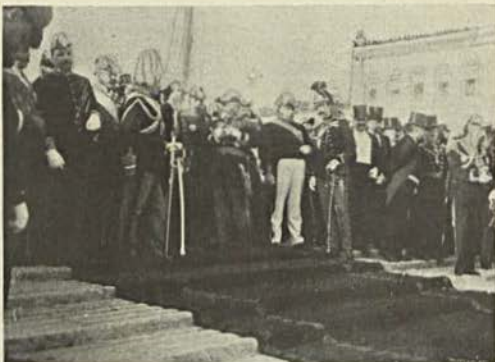
Sim, era elle, o futuro jesuita, elle, que eu julgava padre. Era Jorge o Santo.

Viu-me e veio direito a mim.



Um jornalista inglez tomando apontamentos no Coes das Columnas antes do desembarque

—Recebeste a carta de Raul? disse-me elle sem mais preambulos.



A corte esperando, junto do Pavilhão do Terreiro do Paço, o desembarque de SS. MM.

— Sim, e tu?
— Eu também.
— E que fizeste?

— Fiz o meu dever, respondeu elle simplesmente.

A sua tranquillidade, o seu meigo rosto sob aquelle chapeu de plumas, aquelle levita feito ajudante de campo, tudo me causava estupefação: não comprehendia.

— E' verdade, disse elle de subito, tu não sabes nada. Tens o direito de saber. Vou contar-te tudo. Vi a creança e a mãe. Esta era honesta. O meu irmão procedeu mal. A creança era um rapaz. Então...

N'este momento, um segundo ajudante de campo veio dar contra ordem, e substituir Jorge, que o general chamava para junto da si.

— Depressa, ouve... disse-me elle.

Entre o nosso regimento e o do general antepunha-se como um formigueiro, uma escura multidão...

— Eram os prussianos.

— Então, disse-me elle sem perder a sua soberba serenidade, então como não quero que o nome dos Fondriles se extinga, como era preciso remir a culpa de Itaul, então...

— Aprese-se tenente, gritou-lhe o coronel. Vae ter o caminho cortado.

Jorge olhou-me e depois disse-me:

— Então casei com a rapariga e reconheci a creança; parti no mesmo dia como soldado, e espero morrer sem quebrar o voto de castidade que tencionava um dia pronunciar: Adeus!

Apertou-me com força a mão, e deu de esporas ao cavallo... Durante muito tempo segui com os olhos a chamma tricolor do seu chapeu.

Subitamente, explodiu uma formidável descarga sobre a nossa direita. Era o negro rebanho dos prussianos que tomava posições por meio de uma metralhada.

Atravéz da metralha galopava Jorge.

Quando se dissipou o azulado fumo que oscillava na planície, longe, muito longe, vi um cavallo assustado que fugia sem cavalleiro, e, por terra, no meio da neve ainda immaculada, Jorge o Santo, que morrera, com a espada na balsa, com os braços em cruz.

JOÃO RICHETTI.

Cantares

1

Viuvo da minha noiva
Casei-me com a saudade.
Só Deus sabe como é triste
O casar contra vontade.

2

Fiquei ceguinho, sem vista,
Só por olhar para ti.
Vê que fizeram teus olhos
Por tanto que n'elles li.

3

De tudo passa a memoria,
Da vida, prazer e dor.
Somentes nunca se esquece
O que foi primeiro amor.

4

Ta dizes que me idolatras,
Que é teu o meu coração...
Malmequeres que desfolho,
Todos me dizem que não.

5

Os olhos dos namorados
São como cartas fechadas,
Que só leem sem abrir
Os olhos das namoradas.

6

Por tanto, tanto te olhar,
Os nossos olhos troqueti.
Como se fez essa troca?
Sabes tu? Pois eu não sei.

7

Sou casado co'a saudade
Ha tanto que nem eu sei,
E toda a minha tristeza
Vem da noiva que arranhei.

Coimbra — 1901.

EURICO DE SEABRA.



No Chiado — A ornamentação do jornal «O Dia»



A' saída da Igreja Anglicana



No tiro aos pombos. — Os espectadores

As festas em honra de Eduardo VII



O coche real conduzindo os soberanos de Inglaterra e de Portugal

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Páginas suplementares: Off.ª Estevão Nunes & F.ª
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorrj Tavares
Editor—Luiz Antonio Sanches
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 115
End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno	Moeda brasileira	Anno.....	75.400
Numero avulso	20000	6 meses.....	40000
		3 meses.....	25000
		Numero avulso	3.000

SUMMARIO

TEXT0

Portugal e Inglaterra.— EMYGIDIO NAVARRO.
O rei de Inglaterra em Lisboa.— ALBERTO BRAGA.
A noite do fogo.— HENRIQUE DE VASCONCELLOS.
Politica Internacional.— CONSIGLIERI PEDROSO.
A Inglaterra e Portugal.— Verdades necessarias.
A mulher baldio.— GERVASIO LOBATO.
Jorge o Santo.— JOÃO RICHEPIN.
Cantores.— EURICO DE SEABRA.

GRAVURAS

DIVERSOS ASPECTOS DA VISITA DE EDUARDO VII A LISBOA.— A chegada.— No tiro aos pombos.— Ornamentações de ruas.— Revista a cavallaria 3, etc., etc.

51 Illustrações

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...

— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E era tão franzino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

PAPEIS JOUGLA

os melhores

PARIS-45, Rue Rivoli, 45-PARIS

Comprem o solido **CALÇADO DO ROCHA**, o melhor do Brasil

CASA DO ROCHA

Rua 15 de Novembro, 20 — São Paulo (BRASIL)

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 140.
 BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA—Gomes Amara e Com.^{da}.
 GABRIEL BAIÃO—Pedro Augusto Pessoa.
 BELANTES—Antonio Augusto Salgueiro.
 BEIÁS—Júlio Antonio dos Santos Sobrinho.
 ALCOBACA—José Narciso da Costa.
 PORTALGUEZ—Domingos da Guerra Conde.
 LEIRIA—Manuel Pereira Dias.
 VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
 COVICHÉ—José Pereira Cabral.
 TAYBÁ—José Maria dos Santos.
 FARO—Maya e Trigueiro.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Chichy, 16.
 A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

Na Índia

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa ouz.
 Francesa.—Fus Alfoqueiros.

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agência Central dos Estados do Bull. Coronel Theodulo Pupo de Moraes e José Martins Folio, Rua da Alfândega, 4, sobrado)
 PRINAMBUO—A. Leopoldo da Silveira—Rua Primeiro de Março.
 FARO—J. B. dos Santos—(Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 50.
 MANAOS—Jayme & Camara—Livreria Classica—Rua Guilherme Moreira.
 MARIANHO—Roberto Mallo Caixa do Correo n.º 4.
 CEARA—A. Ferreira Braga—Praça José Alencar s.º.
 BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palacio, 58.
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana)
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana)
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.
 VICTORIA—Estado do Espírito Santo—Guimaraes e Coelho—R. da Alfândega, 15.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho
 BELHA—Antonio Francisco Ribeiro.
 MOSSANEDH—Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUILIMANE—Henrique Jorge de S. Noves.
 BENGUELLA—Mathias e Fyeres.
 LOURENCO MARQUES—D. Bernardo Estor da Silveira de Lorença.
 S. TIOME—L. A. B. Alves Mendes

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam **Brasil-Portugal** os sr.s:
 Abreu Irmãos & C.º, em S. Paulo.
 Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em Santos.
 Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguará, n.º 1), em Campinas.
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em Amparo.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no Ribeirão Preto.

Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Anderson)—MANAOS.

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO]

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 83
RIO DE JANEIRO

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), v. Jorge (Galheta), Lages do Pico, Fayal e Flores.

São o vapor **Açôr**, com mandante Carlos Pereira Vidinha, no dia 5 de Fevereiro, ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes—Caes do Sodré, 81, 2.º

Germano Serrão Arnou

H. PARRY & SON

Construcção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
 Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
 nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Deposito Sanguinhal
Vinhos tintos e brancos

DO

SANGUINHAL

Os melhores vinhos de meça

VINHOS

DO

Porto e Madeira

Cognac,
 Champagne,
 Licores, etc.

129 — RUA DO ALECRIM — 131

Telephone N. 127

JULIO LIMA & C.ª

FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg — JULIMA

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1890 — Ocupa a área de 12.000 quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇADOS

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica foi distinguida com 1º diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteece os principais mercados do paiz.



PERFUMARIA

L. Quarre

Fama conquistada pela perfeição

DOS
PRODUCTOS

Preços de alguns productos:

Esmaltino, pó dentifricio, caixa.....	12000
Pó de arroz, caixa.....	32000
Dito, dito, pacote.....	12500
Loções, frasco.....	32000
Amykos, elixir dentifricio, frasco.....	12000
Agua de quina, frasco.....	22500
Pó de sabão para barba, frasco.....	12500
Agua de Melissa, frasco.....	2800
Pasta dentifricia, boceta.....	12500
Brilantina concreta, póte.....	22000
Dita liquida, frasco.....	2000
Oleo perfumado, frasco.....	22500 e
Extractos para lenço, frasco.....	32000 e 32500
Agua de Colonia, frasco.....	42000 e 62500

LICORES SUPERFINOS

DELICIOSAMENTE PERFUMADOS

MEIO LITRO 3\$000

DEPOSITO: Rua Gonçalves Dias, 40

Rio de Janeiro

Aux Dames Elegantes

GRANDES ATÉLIERS

DE

COSTURA E CIAPEUS

Especialidade em taillletes para baile, theatro e passelo
Enxoves para casamentosSempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos
de navidade

FIGUEIREDO & SILVA

RUA DO THEATRO, 1

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C.^a

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

BENAC, TEIXEIRA & C.^a

(Successoras de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)

ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de installações de aposentos

RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. leleg. — BENAC

☎ Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

ANGELINO SIMÕES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transacções directas com as principaes praças
do Brazil e da EuropaVastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificados
para este ramo do negocio em larga escala

Rua do Mercado, n.º 31

☞ Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da Lapa dos Mercadores, n.º 6 e 8

RIO DE JANEIRO

Ender. telegraph ANGELINO

Caixa postal 1054

MARQUES, Successores

OURIVES-JOALHEIROS

O mais vasto, completo e variado sortido em objectos com pedras finas, d'ouro, prata, bengalias, carteiros, etc. — Sempre as novidades escolhidas pessoalmente em Paris, Allemanha e Vienna

Objectos d'arte e em esmalte

123 — Rua de Santa Catharina — 131

— PORTO —

Preços fixos e garantidos

A ACCUMULADORA

Sociedade Anonyma de Seguros e Economias

CAPITAL INICIAL: RÉS 100:000\$000

Secção de Economias:

Aplices do valor de **500\$** emitidas até 31 de março

Rés 2.386:500\$000

Secção de Seguros de Vida:

Aplices de Seguros Infantil e Dotol emitidas, do valor de **5:000\$**

1.685:000\$000

NOTA

As aplices de Economia são resgatadas por sorteios semanaes — e pagas em dinheiro.
As aplices de Seguros são liberadas por sorteios semestraes.

SÉDE SOCIAL — 6, R. DA BOA VISTA, 6 — SEDE SOCIAL

Caixa Postal — 648.

Telephone — 62

S. Paulo

Brasil

Pabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico — GRAVATAS



J. AZEVEDO & C.^A

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

FARANI SOBRINHO & C.^o — Joalheiros

Rua do Ouvidor, 86-A — Rua dos Ourives, 68 — RIO DE JANEIRO

Alberto, Martins & C.

IMPORTAÇÃO

E EXPORTAÇÃO

Caixa de Correo — 708.

Codigos — BRASIL e RIBEIRO.

Rua da Alfandega, 110

RIO DE JANEIRO



Exportadores Para todos os Estados do Brasil	Officinas montadas com todos os utensilios necessarios	AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS	TELEGRAMAS PINTEIRO Caixa de Correo—494
--	--	-----------------------------------	--

101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodre, 64, 1.^o

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (às quartas feiras alternadas. Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool.

VINHOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^oRua 1.^o de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

ARMAZEM DO PARC ROYAL

M. NUNES & C.^ª

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

RIO DE JANEIRO



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

PORTO
REGISTRADA

DE

Londres, 1862; Porto, 1866; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



LIVRARIA

DE

Jacinto Ribeiro dos Santos

LAFAYETTE.—Direito Internacional, 2 vol., 3000 réis; Direito das Comas, 1 vol. enc. 3000 réis; Direitos de Família, 1 vol. enc., 3000 réis;
 ITAGYBA.—Ponse Manutenção de Direitos, 1 vol. broch., 1000 enc., 1000 réis;
 BENTO DE FARIA.—Das Fallencias (L. n.º 85) de 10 de Agosto de 1921 anotada de accordo com a doutrina, a legislação e a Jurisprudência, 1 vol. broch., 7000 enc., 1000 réis; Nullidades em Matéria Criminal, 1 vol. broch., 10000 enc., 1000 réis;
 CÂNDIDO DE OLIVEIRA.—Curso de Legislação Comparada (incluem-se publicados 20 fascículos preço de cada fascículo, 1000 réis);
 JOÃO VIEIRA DE ARAÚJO.—Revisão dos Processos Penaes, 1 vol. enc., 10000; Código Penal Interpretado, 2 vol. enc., 3000 réis;
 VIVEIROS DE CASTRO.—Questões de Direito Penal, 1 vol. enc., 10000 réis;
 PAULA PENSO.—Código do Processo Criminal, 1 tomo vol. enc., 3000 réis;
 BOITELZ.—Consultor Criminal, 1 vol. enc., 1000 réis;
 MORAES CARVALHO.—Praxe Forense, 2.ª edição anotada por Levidio Ferreira Lopes, 1 vol. enc., 1000 réis;
 MENEZES.—Pratica de Inventarios, Partilhas e Contas, 1 vol. enc., 10000 réis;
 T. DE FREITAS JUNIOR.—Assessor Commercial, 2.ª edição, anotada e em accordo com a legislação actual, 1 vol. enc., 10000 réis;
 SILVA COSTA.—Estado sobre a Satisfação do Damno, 1 vol. enc., 6000 réis;
 MITTERMAYER.—Tratado da Prova em Matéria Criminal, 1 vol. enc., 10000 réis;
 ALFREDO VARELA.—Direito Constitucional Brasileiro, 1 vol. enc., 8000 réis;
 LYDIO MARIANO.—Casamento Civil, 1 vol. enc., 10000 réis;
 ALBERTO DE CARVALHO.—Causas Cíveis Brasileiras, 1 vol. enc., 10000 réis;
 JOÃO RIBEIRO.—Historia do Brasil (curso superior) 1 vol. cart., 4000; Historia do Brasil (primaria) 1 vol. cart., 10000; Estudos Philologicos, 1 vol. broch., 3000; Versos, 1 vol. broch., 3000 réis;
 A. HEICULANO.—Lendas e Narrativas, 2 vol. broch., 3000 enc., 2000 réis;
 GARRETT.—Camões, 1 vol. enc., 4000, broch., 2000 réis;
 CAMILO C. BRANCO.—Amor de Perdição, 1 vol. broch., 2000; Correspondencia com Vieira de Castro, 2 vol. broch., 4000 réis;
 TEIXEIRA E SOUSA.—Fatalidade de 2 jovens, 1 vol. broch., 2000 réis;
 DEMAS FILHO.—Dama das Camélias, 1 vol. broch., 2000 réis;
 ABBAIE PRESVOST.—Historia de M. non Leconte, 1 vol. broch., 2000 réis;
 RODRIGUES.—Rosa do Adro, 1 vol. broch., 1000 réis;
 DIMAS.—Cód. Monte Christo, 4 vol. broch., 6000 réis;
 ALMEIDA.—Femina, 1 vol. broch., 2000 réis;
 CAPENDU.—Karakóh, 3 vol. broch., 3000 réis;
 BOCHA.—Augusto e Olympia, 1 vol. broch., 2000 réis;
 FIGUEIREDO PIMENTEL.—O Terroir do Marido, 1 vol. broch., 2000;
 GUERRA JUNQUEIRO.—Marte de D. João, 1 vol. broch., 2000 réis;
 JULO LINZ.—Novella da Tu Palmeida, 1 vol. broch., 2000 réis; Apprehensões de uma Mãe, 1 vol. broch., 2000 réis;
 H. SCIENESSIEZ.—Que Vadia, 1 vol. broch., 2000; Os Cavalheiros da Cruz, 1 vol. broch., 2000 réis;
 THOMÉ DAS CHAGAS.—Novos Contos da Carochinha, 1 vol. cart., 3000 réis;
 FERREIRA.—Confiteiro Nacional, 1 vol. com gravuras, 2000; O Rei dos Colinhos, 1 vol. cart., 2000.

51, Rua Gonçalves Dias e S. José, 76

RIO DE JANEIRO

PSYCHOLOGIA DO CHAPÉO

«O estilo é o homem! — Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéu: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéu!»

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéu de forma vil, Amarratado e mal feito, Diz-se logo: « Que imbecil! »

Mas quando algum apparece Trazendo no craneo, ao sol, Um chapéu que respandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua fórmas sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo Com vóo do Pensamento? Quereis ter um bom chapéu?

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéu ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

CHAPELARIA AMERICANA

133, R. DO OUVIDOR, 133

— RIO DE JANEIRO —

ARAÚJO, VEIGA & C.^a

(Antigo Barros Araújo)

Armarinho, Modas e Perfumarias



Recebem-se por todas as repartições mercaderias e estão vendendo a preços sem competitor.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua do Ouvidor, 84

RIO DE JANEIRO

AO GANHA POUCO

86, RUA DO OUVIDOR, 86—RIO DE JANEIRO

FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Tem sempre grande variedade em tecidos da mais **ALTA NOVIDADE**, immenso sortimento de roupas brancas para homens e senhoras

Enorme quantidade de roupa de cama e meza

Preços extraordinariamente reduzidos

VENDAS A DINHEIRO

Di casa d'esta casa: vender muito e ganhar pouco

M. FONSECA**PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

Importação directa

Preços razoaveis

Pautação e Encadernação

Séllos, Guimarães & C.^a

Objectos para escriptorio e desenho

Livros para Escripuração

22—Rua do General Camara—22

RIO DE JANEIRO

MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^a e VIANNA, CASTRO & C.^a**Fabrica de marmelada****Fructas em conserva**

Assucar em grosso e refinado—Confetaria
—Bolhados—Velas—
Sabão—Kerozene—Óleos, etc.

Telegrammas VAZ

Caixa postal—484

154, Rua de S. Pedro, 155

67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

A LA
FASHIONABLE

—
CHAPEUS
Para senhoras e creanças

ANGELINA JUSTI

Rua de S. Bento, 27-A

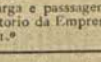
S. PAULO

Empresa Nacional de Navegação



Itinerario das carreiras para a Costa Occidental e oriental d'África
 SAHIDAS—Dia 6: Para Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela e Mossamedes.
 Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.
 Dia 21: S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, e Mossamedes.
 Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa, Rua da Prata, 3, 1.º

Companhia das Messageries Maritimes
 Paqueboté posto français /
 Linha Transatlantique



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C.ª = 4, Praça dos Hemelares.
 1.ª e 2.ª passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia = 32, Rua Aurora.
 Os agentes, SOCIEDADE TORLADÉS

FONSECAS, SANTOS & VIANNA

BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 12C
 ← LISBOA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna e Joaquim Pinto de Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem deposito em conta corrente á juro convencional, á vista ou á prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

BANCO NACIONAL

ULTRAMARINO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
 SEDE EM LISBOA
 49—RUA NOVA D'EL-REI—74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde—S. Thomé—Loanda—Benguela—Lourenço Marques—Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde—Bom-lama—Mossamedes—Quelimane—Inhambane—Moçambique—Macau.

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL
 STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,

JAMES RAWES & C

GABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Manperrin Santos

Médico Alveitar J. Manperrin Santos
 Médico Alveitar J. Silveira d'Almeida

Instalacao hydrotherapica completa; duas salas de douches para homens e mulheres; interiormente a par das e independentes; gabinete aquecido e electricidade e massagem; Suiçagem e gymnastica therapica, dirigidas por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Aberto das 8 de 12 de manhã e das 3 de 5 de tarde

ENDREÇO: CALÇADA DO DUQUE, 10
 CALÇADA DA GLORIA, 10 LISBOA

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Paquetaes, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Confeccoes para homens, senhoras e creanças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azues e em cores, de

6\$000 a 20\$000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

12\$000 a 26\$000

Recalhido sortimento em sobretudos,

Doublets-capan e varinas d'aveiro.

Capan á hespanhola, fabrico especial da nossa casa, de

12\$000 a 21\$000

FABRICA S. LOURENÇO

LADEIRA DO FARIA Nº 2
 E CASCADURA

DEPOSITO CENTRAL
 RUA DOS OURIVES
 Nº 134

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LOPES, SA & C.ª

FABRICA DE PHOSPHOROS AURORA

